

MENINAS QUE (NÃO) IMPORTAM: NARRATIVAS DE JOVENS MULHERES LÉSBICAS SOBRE SUAS EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA

HILÁRIO, Wesley Fernando de Andrade¹ (weehillario@hotmail.com); **CORDEIRO**, Maria José de Jesus Alves² (maju@uems.br)

¹Discente do curso de Letras/Inglês da UEMS – Dourados; ²Docente do curso de Pedagogia da UEMS – Dourados

A escola, longe de ser somente um espaço de sociabilidade entre crianças e jovens ou o lugar onde ocorre o processo de transmissão e construção de conhecimento formal, é também uma das instâncias sociais onde as identidades e subjetividades de seus sujeitos são construídas, delineadas e, muitas vezes, apagadas, violentadas e excluídas. Nesse lugar, crenças, valores e comportamentos são ensinados para enquadrar cada pessoa num modo de vida que lhe é cultural, social e historicamente dado como o mais adequado em razão de seu gênero, sexualidade, cor, raça, etnia, classe social e categorias outras que o constituem enquanto ser vivente nesse nosso espaço e tempo. Tais ensinamentos que na escola são postos objetivam produzir formas específicas de nela ser e estar e que ainda devem ser reproduzidas em outros lugares e com outras pessoas. Quando se fala em gênero, isso não é diferente. Brincadeiras, brinquedos, atividades e comportamentos são ensinados para conformar os sujeitos em determinadas posições. Assim, aqueles e aquelas que fogem das normas impostas no interior da instituição escolar acabam por serem excluídos e violentados de diferentes maneiras. Com base em tais pressupostos, nesta comunicação objetivamos mostrar o poder disciplinador e normalizador dos corpos e dos gêneros que a escola detém. Especificamente nos dedicamos à discussão sobre a relação entre feminidades e escola a partir de algumas cenas narradas por algumas jovens mulheres lésbicas sobre sua infância e adolescência vivida nesse contexto. Essas narrativas evidenciam que algumas práticas escolares, das quais tantos os discentes quanto os próprios docentes fazem parte, são pautadas pela lógica heteronormativa, resultando daí diferentes formas de exclusão e violência contra meninas que experienciam outros estados e brilhos da feminidade senão aquele considerado hegemônico. Contudo, ao mesmo tempo em que as narrativas das jovens mulheres revelam as relações de poder existentes no interior da escola no que se refere ao processo de produção de uma forma específica de feminidade, elas também mostram que a resistência é sempre possível (e também necessária!) para ser quem se é. Aponta-se que, no caso das entrevistadas, quando elas pareciam possuir traços mais masculinizados, isto é, comportamentos não esperados para aquilo que socialmente convencionou-se como sendo de “uma menina de verdade”, elas eram vítimas de rechaço, piadas e brincadeiras de tom negativo. Contudo, as meninas que não demonstravam nenhum desvio dos padrões gêneros, ou seja, que correspondiam às expectativas da feminidade tão propagada pela sociedade, viveram situações menos constrangedoras e menos potencializadoras de pequenos e grandes traumas. Ressalta-se, por fim, que este trabalho é um dos resultados de uma pesquisa maior na qual objetiva-se, por meio de narrativas coletadas nas entrevistas feitas com um grupo de homens gays e mulheres lésbicas, compreender o processo de construção de suas identidades masculinas e femininas consideradas “ilegítimas” por não corresponderem aos padrões hegemônicos de gênero estabelecidos cultural, social e historicamente.

Palavras-chave: Gênero. Feminidades. Educação. Relações de poder. Resistência.